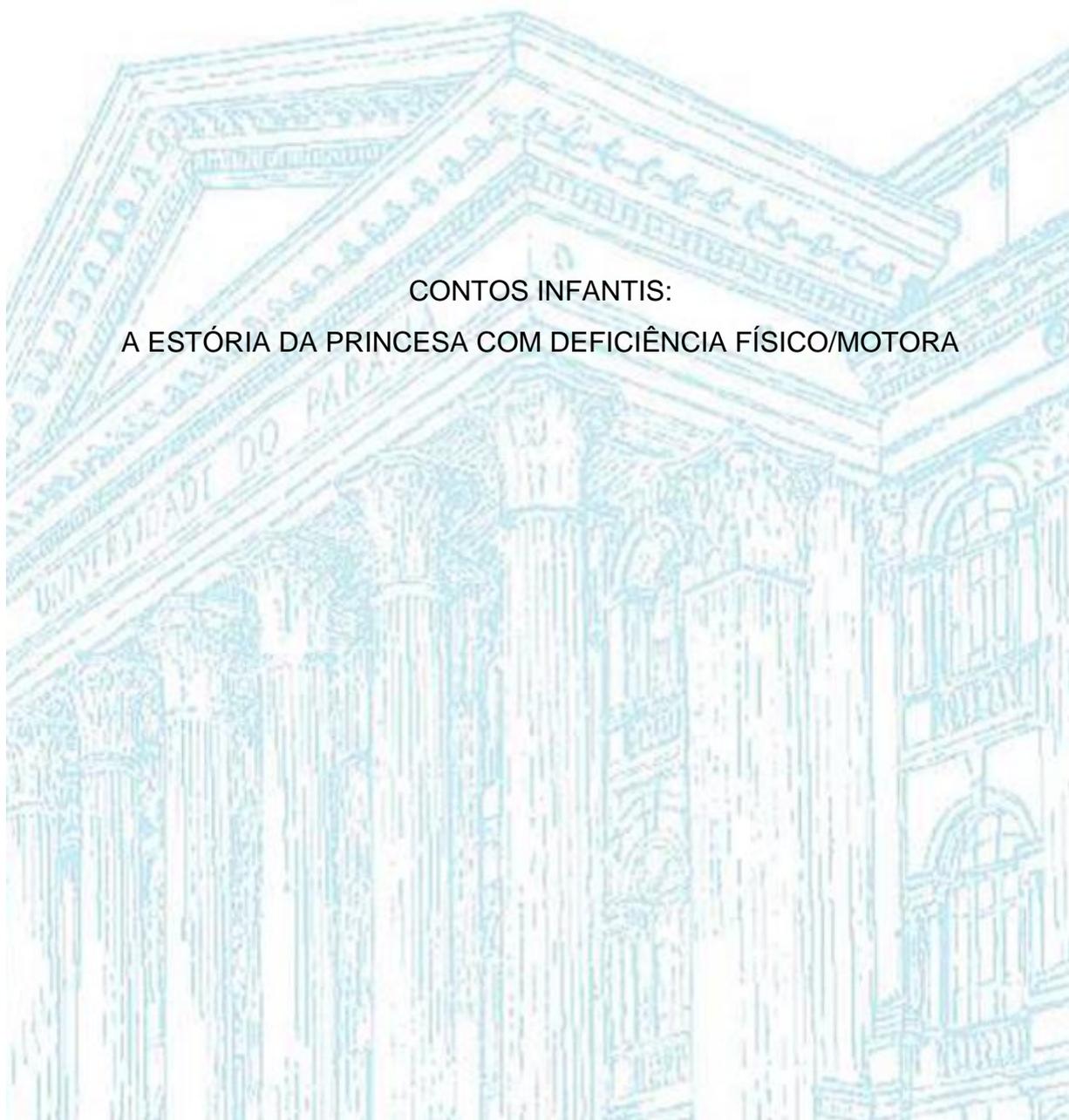


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARLINE SILVA DA CRUZ

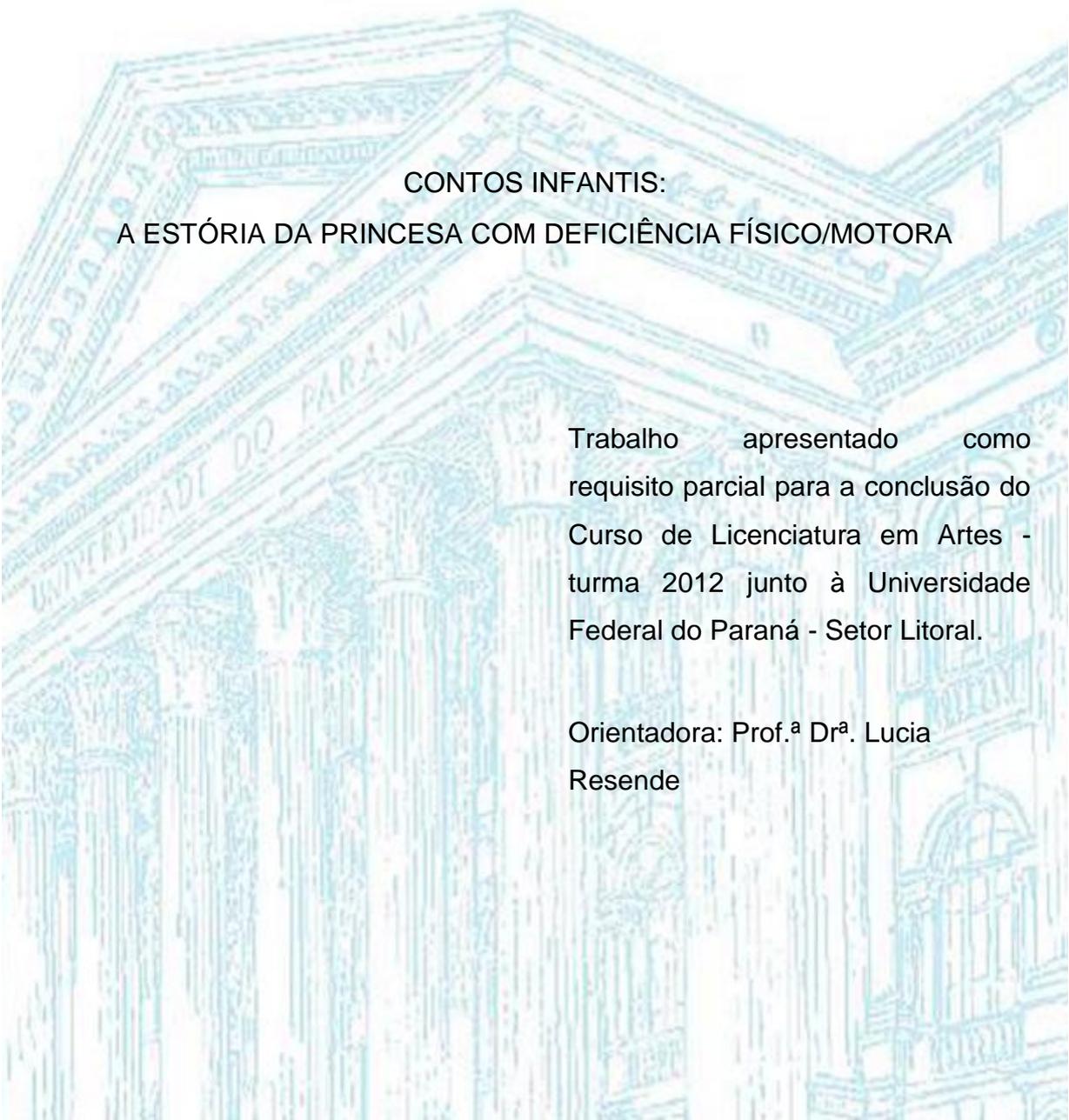
CONTOS INFANTIS:
A ESTÓRIA DA PRINCESA COM DEFICIÊNCIA FÍSICO/MOTORA



MATINHOS

2016

MARLINE SILVA DA CRUZ



CONTOS INFANTIS:
A ESTÓRIA DA PRINCESA COM DEFICIÊNCIA FÍSICO/MOTORA

Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Artes - turma 2012 junto à Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lucia Resende

MATINHOS

2016

TERMO DE APROVAÇÃO**MARLINE SILVA DA CRUZ****CONTOS INFANTIS****A ESTÓRIA DA PRINCESA COM DEFICIÊNCIA FÍSICO/MOTORA**

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Artes, no Curso de Graduação de Licenciatura em Artes, pela seguinte banca examinadora:

Prof.^a. Dra. Lúcia Maria Gonçalves de Resende
Universidade Federal do Paraná- Setor Litoral

Prof.^a. Dra. Gisele Kliemann
Universidade Federal do Paraná- Setor Litoral

Prof. ^a Mcs. Luciana Monteiro do Nascimento
Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

MATINHOS

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

Marline Silva da Cruz¹

CONTOS INFANTIS: A ILUSTRAÇÃO E ESTÓRIA DA PRINCESA COM DEFICIÊNCIA FÍSICO/MOTORA

RESUMO

Este artigo tem como finalidade enfatizar a importância do conto infantil, bem como o hábito de leitura, desde a infância, com histórias que proporcionam o prazer e a ludicidade e que trabalham com o imaginário infantil. Para isso traz os conceitos de conto, e as etapas de desenvolvimento pelas quais a criança passa. Também enfatiza a importância da linguagem verbal/oral e da linguagem pictórica, as quais auxiliam a criança em seu desenvolvimento, pela qual é possível trabalhar valores que, por vezes, são esquecidos, negligenciados, como o de inclusão. Além disso, relata a história de um conto infantil que aborda esta temática, bem como o processo de construção da ilustração do conto.

PALAVRAS-CHAVE: Conto Infantil, Ilustração, Inclusão

ABSTRACT

This article aims to emphasize the importance of children's story, and the habit of reading from childhood with stories that provide pleasure and playfulness and working with the child's imagination. To this brings the story concepts, and development stages through which the child passes. It also emphasizes the importance of verbal/oral language and pictorial language, which help children in their development, in which you can work values that sometimes are forgotten, neglected, such as inclusion. In addition, reports the story of a children's story that addresses this issue, and the process of building the tale illustration.

KEY WORDS: children's story, illustration, inclusion

1. INTRODUÇÃO

1 Aluna do curso de Licenciatura em Artes

2. Neste texto distingo a história de fatos reais de história de contos infantis..

A literatura infantil apresenta à criança um horizonte de estórias², contos poemas, romances, e muito mais. Ela acontece de diversas formas no universo da criança, como na forma oral e através de livros, nas quais, a criança aprende sobre valores morais, éticos, sociais, entre outros. Contudo, para que a criança crie o hábito de leitura, é necessário que ela seja instigada a se tornar um leitor ativo.

Uma das formas de cativar a criança para a leitura é através de estórias apropriadas à sua idade e que trabalhem com o seu imaginário, como os contos de fadas, os quais apresentam enredos que abordam o imaginário da criança e mexem com os seus sentimentos. Além dos contos, é possível cativar a criança através da linguagem pictórica, ou seja, a ilustração que o livro apresenta e que descreve, pontua ou dialoga com a linguagem verbal existente no livro.

Pensando nisso, durante minha vida acadêmica, surgiu o desejo de criar um conto que encantasse e cativasse a criança para o mundo literário. O intuito era o de trabalhar temas que por vezes, são esquecidos, negligenciados, mesmo sendo muito pertinentes para a sociedade atual. Foi escolhido, portanto, abordar sobre a inclusão, mostrando a importância da inclusão da criança com deficiência físico/motora, com ilustrações que cativem as crianças.

2. CONTANDO ESTÓRIAS E ATIVANDO A IMAGINAÇÃO

O ser humano se comunica de diversas maneiras, através do corpo ou gestos, utilizando linguagens como oral/verbal, pictórica, entre outras. Contudo, a linguagem mais utilizada é a linguagem oral/verbal e esta está sempre acompanhada por outras linguagens. Uma pessoa ao falar, utiliza a linguagem oral e, mesmo que inconscientemente, se apropria dos gestos que auxiliam no falar. Expressa seus sentimentos não só em palavras, mas também em expressões corporais, assim, sabe-se se está triste, feliz, empolgado, entre outros, não apenas em sua fala, mas também nas expressões em sua face, em seu corpo. (PONDÉ, 1996)

Sendo assim, uma das maneiras mais antigas de comunicação entre os seres humanos é a linguagem oral. É através da linguagem oral que o

indivíduo aprende a comunicar-se com os demais. Antes mesmo de nascer, o som das palavras da mãe faz o feto sentir-se seguro e, ao nascer, aprende a se comunicar através do choro, depois balbuciando. Ao ouvir os outros ao seu redor comunicando-se verbalmente, aprende a falar as primeiras palavras, até conseguir dominar a linguagem por completo.

Também, é através da linguagem oral que o ser humano passa, de geração em geração, suas tradições, costumes, crenças e valores. Essas tradições, antigamente, eram passadas através de rodas de conversas. Eram histórias contadas por anciãos aos mais jovens, as quais mostravam os valores a serem observados e praticados, e quais eram as consequências se não os praticassem. Sendo assim, contar e ouvir histórias, não é apenas promover o prazer com o intuito de educar, mas vai além, esta ação possibilita também o resgate de memória cultural de uma sociedade/comunidade. (PONDÉ, 1996)

As histórias, além de serem passadas oralmente, foram transmitidas e fixadas em pedras e em paredes das cavernas. Com a evolução, as histórias foram transcritas em papiros, pergaminhos, e, finalmente no papel. Atualmente, essas histórias já transcenderam, ou seja, com o mundo tecnológico tão evoluído, as histórias se encontram em arquivos virtuais, nos quais podem ser lidas, vistas e ouvidas e, para as crianças, a forma mais prazerosa, ainda, é ouvir as histórias sendo contadas.

Vale ressaltar que, o ato de contar histórias, além de ser uma atividade educativa e lúdica, também amplia a imaginação da criança, bem como auxilia a organizar sua fala, enriquecendo seu vocabulário. Autores, tais como Pondé (1985), Coelho (2000), dentre outros, apontam para a importância da literatura desde a infância, pois ela encanta e auxilia no seu crescimento afetivo e intelectual, além despertar na criança todo um potencial criativo.

E para que a criança realmente sinta prazer na leitura, é preciso que haja histórias que a cativem e a encantem. Como bem coloca Pondé (1985, p.17): “o livro deve ser tão atraente para a criança como uma revista em quadrinhos, um desenho animado ou uma gostosa brincadeira.” Parafraseando a autora, é possível declarar que a história deve possuir este atributo, ou seja,

ela deve ser tão prazerosa quanto qualquer outra atividade que a criança gosta de realizar, assim, se tornará um leitor ativo desde pequeno.

Mas como cativar a criança? Qual seria a maneira mais apropriada? Silva (2013), declara que uma das maneiras de cativar a criança à leitura e à estória, é começar pelos contos de fadas, pois eles possuem o poder de despertar na criança diversos sentimentos que são difíceis de serem entendidos e descritos, os quais os personagens vivenciam durante o enredo da estória e a criança os vivencia juntamente com eles.

A fantasia dos contos é fundamental para o desenvolvimento da criança. A magia e o encantamento existentes nos contos auxiliam a criança a compreender sentimentos e emoções que, por vezes, são inexplicáveis. Neles, nos contos, surgem relatos surpreendentes de estórias simples e doces, nos quais são capturados os mistérios da vida em palavras, que são lidos, ouvidos e compreendidos pelo leitor, o qual se identifica, por vezes, com os sentimentos e emoções que ali estão inseridos.

Assim, de acordo com Silva (2013, s.p.):

Dentre os inúmeros textos pertencentes ao domínio estético/artístico temos o conto. 'O conto é um relato em prosa de fatos fictícios' [...]. Este relato quando lido ou ouvido tem o poder de despertar no leitor uma gama de sentimentos indescritíveis, porque consta de três momentos perfeitamente diferenciados: O conto começa apresentando um estado de equilíbrio, dá lugar a uma série de episódios que se convertem em conflitos e culmina com a resolução destes conflitos no estágio final. (acesso em 08/10/2014)

As principais características de um conto, destacados por Pimentel (2011), são: estórias em prosa que devem ser curtas, sucintas e concisas. Seu eixo narrativo, prima pela precisão e densidade; havendo um só conflito e uma só ação no espaço e no tempo. O conto deve surtir no leitor uma unidade de efeito ou impressão total.

Conto é uma forma de narrativa, em prosa, obra de ficção de menor extensão no sentido estrito de tamanho em relação às novelas e romances, os quais são extensos e com muitas personagens. Ora, se todos são curtos, depreende-se que, para formar um todo harmonioso, os contos devem ser sucintos (ter densidade) e concisos (ser curtos), claros e objetivos. (PIMENTEL, 2011 – acesso em 13/11/2015)

Segundo Duarte (2010 – acesso em 13/11/2-15)), o conto deve ser composto e escrito, apresentando e seguindo as etapas: introdução, complicação, clímax e desfecho. Estas são explicadas pela autora da seguinte forma:

- **Introdução (ou apresentação)** – Constitui o início da estória a ser narrada. Neste momento, o narrador apresenta os fatos iniciais, os personagens e, na maioria das vezes, o tempo e o espaço.
- **Complicação (ou desenvolvimento)** – Representa a parte em que se desenvolve o conflito. O conflito é o momento em que algo começa a acontecer, e nós, como leitores, ficamos surpresos à espera do que está por vir.
- **Clímax** – É o momento mais tenso da narrativa, pois tudo pode acontecer, podendo ser aquilo que esperávamos ou não.
- **Desfecho (ou conclusão)** – Revela o final da estória, a solução para o conflito, sendo que este fim poderá ser de vários modos: triste, alegre, surpreendente, engraçado, e até mesmo... trágico!!!

Além das características aqui apresentadas, pode-se destacar e classificar os vários tipos de contos. Assim, ao compreendê-los, é possível destacar e identificar cada conto lido, e a que categoria pertence. Podem ser classificados como:

- Contos de fadas - são contos de fadas, onde aparece o sobrenatural, o maravilhoso. Apresentam no enredo personagens como reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, metamorfoses, etc. Exemplo de estórias: A Bela Adormecida, A Bela e a Fera, Rapunzel, Branca de Neve e os sete anões, entre outras.
- Contos de encantamento - são estórias que apresentam metamorfoses, ou transformações, por encantamento. Vale ressaltar que esta faz parte dos contos de fadas, como uma subdivisão da categoria. Ex: Os Dois Mágicos, A Bela e o Monstro, Cinderela, entre outros;
- Contos maravilhosos - são narrativas que, sem a presença de fadas, via de regra se desenvolvem no cotidiano mágico (animais falantes, objetos mágicos, gênios, duendes, tempo e espaço reconhecíveis ou familiares,

etc.) e têm como eixo gerador uma problemática social. Exemplo de estórias: O Gato de Botas, Chapeuzinho Vermelho, Pinóquio, Aladim e a Lâmpada Mágica, entre outros.

- Contos de enigma ou mistério - são estórias que têm como eixo um enigma a ser desvendado. Ex: O caso do Cofre Arrombado, A Porta de Pedra, O Enigma, entre outros;
- Contos jocosos - são estórias humorísticas ou divertidas. Ex: A Pregação, Comadre Morte, A Menina e a Flor, entre outros.

É importante ressaltar que, os contos de fadas têm suas origens desde a antiguidade. Os primeiros contos a surgirem são os europeus e orientais, como os contos místicos greco-latinos, e os judaico-cristãos, os quais apresentavam diversos princípios e valores.

Segundo Silva, (2003 – acesso em 30/10/2015):

A palavra conto, usada para designar uma estória curta, somente ficou popular depois que os irmãos Grimm criaram uma coletânea de narrativas tradicionais chamada contos para crianças e famílias. A partir do sucesso desta obra, que foi publicada no ano de 1812, em diversos países, contos de fadas foram recolhidos e organizados para a leitura das crianças.

Mas antes disso, os contos já existiam e eram contados e passados de geração para geração. Somente entre os séculos XVII e XVIII, os contos começam a ser escritos, através do grande escritor e poeta francês Perrault, com os contos "Mãe Gansa", "O Barba Azul", "Cinderela", "A Gata Borralheira", "O Gato de Botas" . Depois disso, surgem novos escritores tais como: Andersen, Collodi, Irmãos Grimm, Lewis Carrol, etc. É possível observar que aqui no Brasil os contos tiveram origem europeia e oriental, através dos contos dos irmãos Grimm e Charles Perrault.

Portanto, como já foi relatado, os contos infantis são estórias carregadas de valores morais e éticos, nos quais a criança aprende, através dos personagens, sobre esses valores, sentimentos e emoções tais como: inveja, medo, ciúme, ambição, rejeição, decepção, alegria, amor, confiança e coragem. Assim, os contos podem ser lidos com o objetivo de ensinar as

crianças valores como não mentir (Pinóquio), a não desobedecer à mãe (Chapeuzinho vermelho), ser humilde e não orgulhoso, soberbo (Cinderela).

3. OS CONTOS E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Como já foi relatado no item anterior, ler, contar e ouvir estórias é mais do que uma ação prazerosa e educativa, ela também amplia a imaginação, auxilia a criança a organizar sua fala e enriquece seu vocabulário, contribuindo na formação de um cidadão crítico e pensante. Para que isso ocorra eficazmente, é preciso atentar para as fases de desenvolvimento da criança, para assim, descobrir qual seria a estória mais adequada para a mesma.

De acordo com Piaget (1896-1980), um importante estudioso na área do desenvolvimento infantil, a criança aprende construindo e reconstruindo o seu pensamento, através da assimilação e acomodação das suas estruturas. Assim, através da assimilação, a criança processa dados da realidade, como o da linguagem, na qual a criança assimila o que ouve, adquirindo conhecimento e aprendendo a língua. Já a acomodação remete à compreensão, e passa a reconstruir o pensamento, ou seja, a criança escuta outros à sua volta, reconhece as palavras e responde, primeiramente balbuciando e depois passa a falar de forma compreensível, até dominar a linguagem por completo. Estes dois esquemas são essenciais para o ser humano e fazem parte de uma necessidade interna. Ainda segundo Jean Piaget, os fatores responsáveis pelo desenvolvimento da criança são: maturação, equilibração, experiência física e lógico-matemática, motivação, transmissão ou experiência social, interesses, valores e sentimentos. (PIAGET, 1976)

Para melhor compreensão do desenvolvimento humano, Piaget (1976) divide o desenvolvimento infantil em 4 fases, também conhecidas como estágios, a saber:

- **Sensório-motor (zero a dois anos):** Nesta fase o universo que circunda a criança é conquistado mediante a percepção e os movimentos (sucção, movimento dos olhos). Assim, a criança explora o mundo através dos sentidos, isto é, ela precisa tocar, provar os objetos;

- **Período Pré-operatório (dois a sete anos):** Aparece a função simbólica, ou seja, os objetos começam a serem representadas por símbolos: um cabo de vassoura vira um cavalo, uma caneta é um avião, etc. Ocorre também a irreversibilidade (a criança acredita que todos pensam como ela), e o egocentrismo (a criança se vê como o centro de tudo que acontece ao seu redor);
- **Período Operatório Concreto (sete a onze anos):** A criança já consegue usar a lógica na maior parte dos problemas concretos chegando assim nas soluções dos mesmos, o que não acontece quando se trata de lidar com problemas não concretos;
- **Período Operatório Formal (onze a quinze anos):** O pensamento lógico já consegue ser aplicado a todos os problemas que surgem.

É importante ressaltar que estes estágios não são inteiramente delimitados, ou seja, podem variar de criança para criança. Pode ocorrer que uma criança passe de uma fase para outra rapidamente, ou demore mais em uma fase. Além disso, é preciso atentar para o ambiente social em que a criança está inserida. Mas são sequenciais.

Lev S. Vygotsky, foi um importante estudioso na área do desenvolvimento humano, e, segundo Bassos (2000), para ele a criança nasce inserida em um meio social, a saber, a família, e é nela que estabelece as primeiras relações com a linguagem na interação com os outros. Na mesma obra e em relação a Vygotsky, o homem se produz na e pela linguagem, pois, é na interação com outros sujeitos que formas de pensar são construídas por meio da apropriação do saber da comunidade em que está inserido o sujeito.

Por isso, para que a estória obtenha êxito, ou seja, envolva e cativa a criança para o mundo imaginário literário, é fundamental que o contador/escritor atente para os requisitos acima citados, os quais são: em qual estágio de desenvolvimento a criança se encontra e qual é o seu meio social, onde, como e com quem ela convive.

Ao realizar este exercício, a estória terá a possibilidade de trazer e debater, importantes aspectos do dia-a-dia da criança. É também uma forma

de ensinar temas éticos e de cidadania, como o da inclusão, e de propiciar um mundo criativo e fantástico.

4. O LIVRO INFANTIL: a linguagem verbal e a pictórica

Como já foi dito, as estórias eram contadas através da linguagem oral e desenhadas, em paredes e cavernas. Estórias estas que falavam sobre valores morais, éticos, costumes, entre outros. Com o intuito de serem preservadas para as gerações futuras, surgiu a necessidade de serem escritas, a fim de que não se perdesse a essência das estórias, como suas tradições, culturas, valores, entre outros. Surgiram então os livros infantis, com narrações que se aproximavam da linguagem da criança, mas que não deixavam de ensinar valores essenciais, tanto para adultos quanto para crianças.

Com o passar do tempo, desenvolveu-se a percepção da importância que os livros exerciam e que, para melhor compreensão da estória, era preciso vincular a linguagem verbal com as demais linguagens. Assim, o livro infantil não é construído apenas por palavras – pela linguagem verbal, mas também por outras linguagens tais como ilustração, sonorização e tátil. Todas elas auxiliam na compreensão da linguagem verbal. Um exemplo disso é o livro sonoro, como em um livro em que a estória fala sobre animais, há a linguagem verbal (a escrita sobre os animais), há a linguagem pictórica, ou seja, ilustrações que representam o que está escrito, e há a sonorização, onde a criança pode ouvir o som que os animais do livro fazem.

Nos livros infantis, o mais comum é ver a linguagem verbal sendo utilizada em conjunto com a linguagem pictórica. Por isso, para cativar a criança à leitura, é preciso que o livro apresente não apenas um bom enredo, uma boa estória. É preciso também que este tenha uma boa ilustração, pois ela auxiliará o leitor a compreender a estória, além de incentivar a imaginação. Como declara Abreu (2010, p.329): “as ilustrações dos livros infantis servem para instigar a curiosidade e incentivar a criança à leitura.”

Mas como definir o conceito de ilustração? De acordo com a Associação de Designers gráficos, uma imagem somente é considerada ilustração quando esta tem como objetivo exemplificar ou corroborar o conteúdo de um texto de jornal, revista, de um livro, entre outros meios de publicação. Segundo Abreu (2006) a função da ilustração vai além de exemplificar, ela também substitui, amplia, adiciona informações, além de criar novas possibilidades de leitura do texto verbal. O texto escrito conta uma estória com muitas imagens nas linhas e nas entrelinhas. A imagem complementa e enriquece esta estória, a ponto de cada parte de uma imagem poder gerar diversas estórias. (ABREU, 2010)

Pensando na importância da linguagem pictórica no livro infantil, o ilustrador Camargo (1995), destaca e classifica 9 funções que a ilustração pode exercer, a saber:

- Pontual: é quando a ilustração tem como objetivo destacar aspectos do texto como as primeiras letras do texto – início dos capítulos ou dos parágrafos – destacadas artisticamente;
- Descritiva: é quando a ilustração cumpre o papel do texto, descrevendo, através da imagem os personagens, os objetos, os cenários, entre outros, que aparecem no texto. Exemplo: a estória descreve uma cena de metamorfose/transformação e há a ilustração desta cena;
- Tradutora: é quando a ilustração tem a finalidade de auxiliar no entendimento do texto verbal, muito se aproxima da função descritiva;
- Narrativa: é quando, a ilustração tem a função de narrar, prevalecendo esta linguagem no texto, ou seja, todas as ações são contadas por meio da sequência das ilustrações. Um exemplo disso é o livro sem palavras;
- Simbólica: é aquela ilustração que representa uma ideia, chamando a atenção para a metáfora. Exemplo: uma tartaruga, simbolizando que o personagem é lento e faz as coisas devagar;
- Dialógica: nessa, a ilustração demonstra emoções por meio de expressões, posturas e gestos, nos personagens;
- Estética: a ilustração é tão bem construída que a atenção do leitor é atraída para os detalhes que a ilustração apresenta;

- Lúdica: é quando a própria ilustração pode se transformar num jogo para o leitor. Exemplo: ilustrações que se transformam em tabuleiros, em jogos de procurar objetos e/ou coisas perdidas, entre outros;
- Imersiva: é quando a ilustração promove a interação do leitor com a obra, onde orientando caminhos deixando algumas escolhas para o leitor no seu caminhar pela obra.

É importante ressaltar que estas funções não possuem existências independentes na ilustração podendo assumir características de várias funções e intensidade.

5. EDUCAÇÃO INCLUSIVA NOS CONTOS INFANTIS

Uma das questões que permeia o ambiente escolar é a educação inclusiva, que busca garantir uma sociedade que respeite a diversidade e as diferentes necessidades de cada indivíduo. De acordo com Fernandes e Martins *apud* Ferreira (2001, p.149): “a educação visa à integração do ser no mundo, disposto a lutar por suas condições de vida e pelas condições devida ideais para o seu grupo social. [...] O objetivo principal da educação é a pessoa, o ser do aluno (e seu vir-a-ser, por consequência).” Sendo assim, o desafio que vem sendo enfrentado pelas instituições educacionais é o de promover a educação inclusiva, ou seja, o direito a todos a uma educação de boa qualidade.

Como bem coloca Alonso (2013):

A **Educação inclusiva** compreende a Educação especial dentro da escola regular e transforma a escola em um espaço para todos. Ela favorece a diversidade na medida em que considera que todos os alunos podem ter necessidades especiais em algum momento de sua vida escolar.

Assim, o processo de inclusão partiu de uma série de movimentos que lutavam pelo direito a educação de boa qualidade para todos. Dentre estes movimentos, destaca-se a Conferência Mundial sobre “Necessidades Educativas Especiais”, que ocorreu na Espanha em 1994. Este movimento resultou na Declaração de Salamanca a qual destaca que:

[...]toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem, [...] toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas, [...] escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os

meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos [...]. (BRASIL, 2009)

É fato que, outrora indivíduos com deficiências físicas/motoras e/ou que possuem outras deficiências, eram discriminadas e postas à margem da sociedade. Surgem atitudes que levaram ao preconceito e o indivíduo que apresentasse alguma deficiência, era chamado de “excepcional, retardado, e atrasado”. Assim, tal indivíduo era “escondido” por seus familiares e pela sociedade, por medo e vergonha.

Contudo, estar inserido no contexto educacional do ensino regular é um direito de todos, e é um direito fundamental defendidos pela Declaração dos Direitos Humanos em seu Art. XXVI, onde afirma que:

Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito. (FERNANDES e MARTINS, 2009)

Portanto, a partir destes movimentos, todas as instituições educacionais possuem o dever de promover o ensino e a aprendizagem de crianças com deficiências.

Contudo, a escola enfrenta grandes desafios, e vários questionamentos são levantados: Como promover a aprendizagem da criança com deficiência físico/motora? Como incluir este aluno no âmbito escolar e social? Quais metodologias e didáticas serão viáveis para a aprendizagem deste aluno? São perguntas tão pertinentes para a sociedade atual, mas que são difíceis de serem respondidas e conclusivas. Além disso, é preciso promover a conscientização deste processo, ou seja, erradicar os preconceitos que surgem tanto por parte das crianças, quanto por parte do educador. Para isso, é preciso criar novas abordagens e utilizar as mais diversas ferramentas para promover uma educação de qualidade. Uma boa ferramenta é a literatura infantil, na qual as histórias podem apresentar enredos que trabalhem esta temática, das mais variadas formas.

Um bom exemplo disso é a coleção “Era uma vez um conto de fadas inclusivo”, a qual reúne 11 contos cujas histórias são inspiradas nos clássicos contos de fadas, contudo, apresentam uma versão diferenciada, na qual os

personagens principais possuem algum tipo de deficiência. Estes contos foram criados pelo fisioterapeuta Cristiano Refosco, e pelo artista plástico Leandro Selister. Refosco, 2016, ao falar sobre suas obras em seu blog, declara que:

Lançar a primeira edição dos contos inclusivos em 2012 foi uma aventura da qual me orgulho profundamente. Nunca vou esquecer o dia em que levei os originais das minhas primeiras ilustrações até o designer e amigo Leandro Selister. Após folhear os desenhos, Leandro chorou. Foi então que eu pensei: “Para ele ter chorado, ou está muito bom ou está muito ruim”. A próxima frase dita pelo meu amigo designer foi um veredicto de que tudo ia dar certo: “Cris, coloque meu escritório à disposição para fazermos esses livros, e acho importante que você os ilustre”. (REFOSCO, 2016 – acesso em 12/04/2016)

O autor ainda declara que esta coleção foi elaborada e criada de forma a “contribuir para a reflexão de muitos professores e alunos de todo o país acerca de assuntos ainda tão pouco discutidos em salas de aula como deficiência, inclusão e acessibilidade” (REFOSCO, 2016). Assim:

Chapeuzinho cadeirante caindo com sua cadeira de rodas num buraco, Cinderela sem pé perdendo a prótese durante a fuga do baile, João sem braços subindo pelo pé de feijão usando a boca... Cada um dos principais contos de fadas ganhou uma deficiência e as histórias passaram a ter outros enfoques, sempre primando pela ideia da importância do respeito às diferenças. (REFOSCO, 2016 – acesso em 12/04/2016)

As 11 histórias foram inspiradas nos contos clássicos e são denominadas como: Chapeuzinho da Cadeirinha de Rodas Vermelha; Branca Cega de Neve; Cinderela sem pé; O Pequeno Polegar que não conseguia caminhar; João sem braços e o pé de feijão; Pinóquio das muletinhas; O segredo de Rapunzel; Cécegas na floresta - João e Maria; A Bela Amolecida; Aladown e a lâmpada maravilhosa e Alice no país da inclusão. Estes são os contos inclusivos criados por Refosco e Selistes, a fim de auxiliar o educador, a escola, os pais e os próprios alunos a compreender e refletir sobre a inclusão, sobre a diversidade.

6. ILUSTRANDO UM CONTO INFANTIL

Pensando em trabalhar sobre a inclusão de crianças com deficiência físico/motora no ambiente escolar, e ao ver o trabalho criado por Refosco e Selister, surgiu o desejo de criar estórias que trabalhem esta temática. Tais estórias foram escritas em conjunto por mim e por Lucas D’Lope, acadêmico do curso de licenciatura em Artes. Buscamos trabalhar este tema de forma lúdica e prazerosa. A partir do conto “Princesa Sol e a bruxinha que não sabia voar” (Apêndice I), foram ilustradas, pela acadêmica Marline Silva da Cruz, de forma a cativar a criança a atrair a atenção para a temática.



Fig.1: Capa da estória

A ilustração foi realizada com grafite, tendo como base o papel de gramatura 180, e a técnica de pintura foi mesclada sendo utilizado colagens para criar um efeito diferenciado.

A ideia foi produzir uma ilustração de fácil entendimento e lúdica, desenhada com o lápis 6B, pintada com lápis de cor aquarelável da Faber Castell, além de utilizar colagens com recortes de revistas.



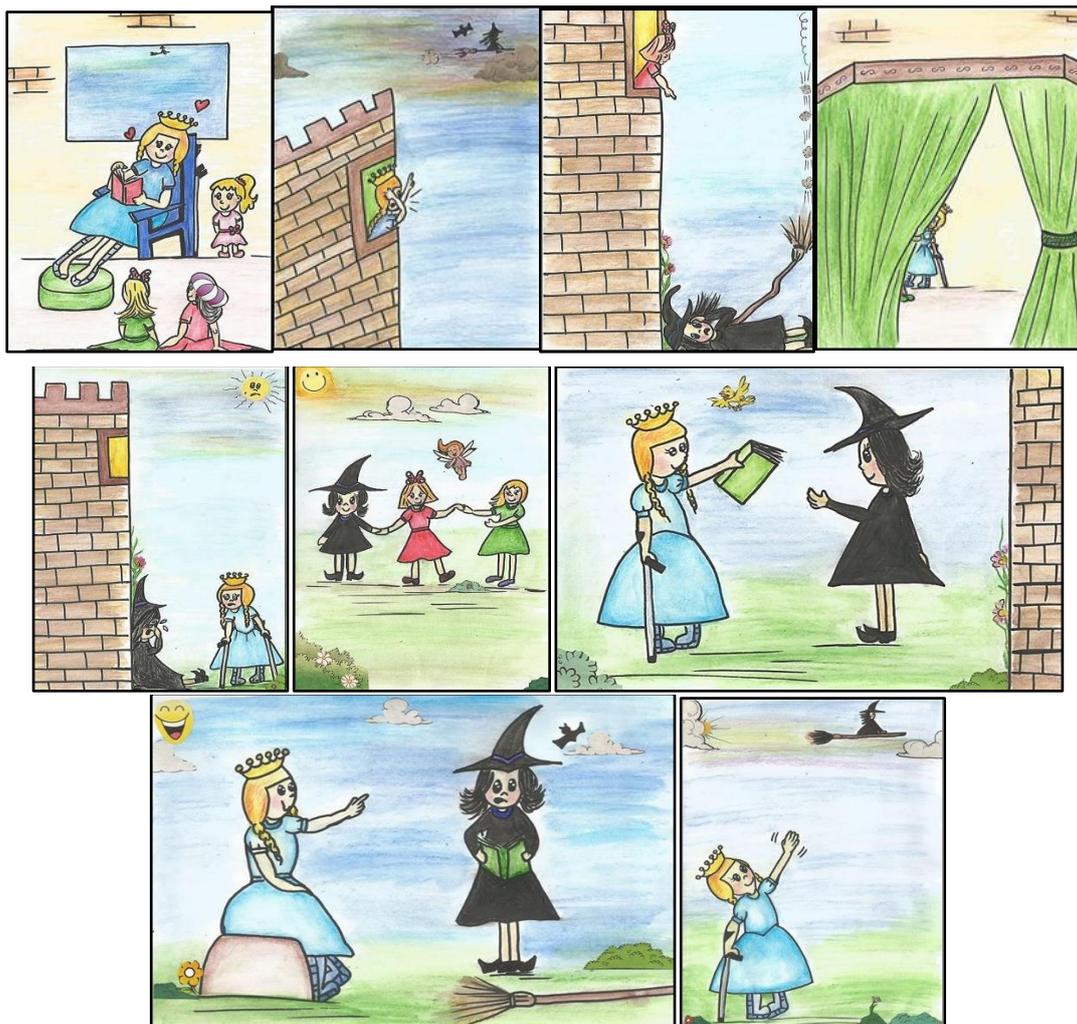


Fig. 2: Ilustração do conto “Princesa Sol e a Bruxinha que não sabia voar”

De acordo com as funções da ilustração descritas no capítulo anterior, as ilustrações do conto “Princesa Sol e a Bruxinha que não sabia voar”, apresentam as funções: descritiva, pois descreve o que ocorre na estória; dialógica, pois as imagens apresentam as emoções dos personagens; e tradutora, auxilia no entendimento do texto. Contudo, prevalece a função descritiva.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos no texto acima, há inúmeras maneiras de ingressar a criança no mundo literário. É necessário que se respeite cada fase de seu desenvolvimento, com estórias adequadas para cada momento para que assim possa promover o desejo na criança de ser um leitor assíduo, mostrando-lhe que a leitura pode ser, e é prazerosa, inculcando-lhe o hábito da leitura saudável.

Diante das inúmeras maneiras que levam a criança a encantar-se com o mundo fantástico que a leitura apresenta, foi escolhido falar, observar e utilizar o conto infantil, o qual tem encantado crianças de todas as idades.

Outro fato importante que foi observado no corpo desse texto, é a inclusão de crianças que apresentam deficiências físico-motoras, pois, sabemos que é um tema atual o qual deve ser observado, o que, em muitas escolas, a realidade está longe daquilo que se deseja, ou seja, ambientes que realmente valorizam a inclusão dessas crianças, não só na possibilidade de espaços, mas também na questão social e emocional, quebrando assim, conceitos e paradigmas.

Portanto, pesando na importância da inclusão da criança deficiente na escola, e na questão social que envolve a todos, ou seja, a aceitação real das crianças na questão de amizade, companheirismo, e não de preconceitos com comentários malvados ou sarristas, foi-se criado um conto que trabalha o convívio de crianças de diferentes classes sociais, as quais possuem limitações físicas ou não, tanto na estória quanto na ilustração, mostrando que todos são iguais e podem ajudar uns aos outros, independente de como seja.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Ana Paula Bernardes. **Relações que a escrita não faz: a ilustração do livro infantil.** Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/BaleianaRede/edicao7/Revelacoes_que_a_escrita.pdf Acessado em 20 de Novembro de 2015.

ALONSO, Daniela. **Os desafios da Educação Inclusiva: foco nas redes de apoio.** Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/palavra-especialista-desafios-educacao-inclusiva-foco-redes-apoio-734436.shtml> Acessado em 10 de Abril de 2016.

BASSOS, Cíntia Maria. **Algumas reflexões sobre o ensino mediado por computadores.** Disponível em: http://coral.ufsm.br/lec/02_00/Cintia-L&C4.htm Acessado em 20 de Setembro de 2015.

CAMARGO, Luiz Ilustração do livro infantil. Belo Horizonte: Lê, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática.** 1ªed. São Paulo: Moderna, 2000.

DUARTE, Vânia. **Características do Conto.** Disponível em: <http://www.escolakids.com/conhecendo-as-caracteristicas-do-conto.htm> Acessado em 13 de Novembro de 2015.

FERNANDES, Tanise de Oliveira, MARTINS, Cátia Paranhos. **O olhar para a diversidade: o processo de inclusão escolar a partir de um relato de**

estágio. Disponível em:
<http://pgsskroton.com.br/seer/index.php/renc/article/view/2551> Acessado em 20 de Novembro de 2015.

INSTITUTO BRASIL SÓCIDÁRIO. **Cotação de estórias... era uma vez!** Disponível em:
http://www.brasilsolidario.com.br/wpcontent/uploads/Palestra_Conta%C3%A7%C3%A3o-de-est%C3%B3rias_abril_2014.pdf. Acessado em: 01 de Outubro de 2014.

MARREGA, Stela Nolla. **Desenvolvimento Infantil.** Disponível em:
<https://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/55035/jean-piaget-e-as-fases-do-desenvolvimento-infantil> Acessado em 17 de Setembro de 2015.

PIAGET, Jean. **A formação no símbolo na criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976

PIMENTEL, A F. **Fábulas e Contos: O que é um conto?** Disponível em:
<http://www.fabulasecontos.com.br/?pg=descricao&id=221> Acessado em 13 de Novembro de 2015.

REFOSCO, Cristiano. **E chegou a segunda edição!** Disponível em:
<http://escritoseditora.com.br/blog/?tag=cristiano-refosco> Acessado em 12 de Abril de 2016.

SILVA, Eliana Aurora da. **Limites: A importância do modelo na educação.** Disponível em: <http://ensinonota10.arteblog.com.br/58/> Acessado em: 08 de Outubro de 2014.

SILVA, Ana Maria da. **A importância da Leitura dos Contos de Fadas na Educação Infantil.** Disponível em:
<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/30151/a-importancia-da-leitura-dos-contos-de-fadas-na-educacao-infantil> Acessado em 30 de Outubro de 2015.

PONDÉ, Glória. O que é um livro infantil. In: **A arte de fazer artes: como escrever estórias para crianças e adolescentes.** Rio de Janeiro: Nórdica, 1985.

ANEXO I

Princesa Sol e a bruxa que não sabia voar

Sol é uma princesa linda. Tem apenas oito anos e é a mais meiga princesa de todos os reinos. Quando era apenas um bebezinho, uma bruxa muito má a jogou escada abaixo e fez com que ela perdesse os movimentos de suas perninhas para sempre. Mas, apesar disso, Sol não se deixou abater, se esforçou para conseguir se movimentar e sempre ajudava a todos que encontrava.

No castelo de Sol, sempre há muitas fadas, magos, unicórnios e outras criaturas mágicas, que brincam com a bela princesinha. Ela adora brincar com eles e suas amiguinhas. O único medo dela são as bruxas, porque uma a machucou quando era pequenina. A coisa que Sol mais gosta de fazer é contar histórias bonitas para suas amiguinhas.

Um belo dia, Sol estava contando uma de suas belas histórias para suas amiguinhas quando, de repente, ouviu um barulhão: “BUUUUMMMMMMM”. Assustadas com o barulho, Sol e suas amigas foram ver o que havia acontecido.

Procuraram por todo o castelo, mas não acharam nada. Quando estavam quase desistindo, uma de suas amiguinhas olhou pela janela e viu, do lado de fora do castelo, uma cena inusitada: de um lado, uma vassoura toda torta e descabelada; do outro, uma menina vestida de preto, com um chapéu pontudo: uma bruxa!!!

Sol logo se apavorou quando viu essa cena. Puxou suas amiguinhas e se esconderam atrás de uma das cortinas do castelo. Depois de um tempinho, Sol refletiu melhor e pensou: “Não posso ficar com esse medo para sempre. Uma hora eu vou ter que enfrentá-lo e encarar uma bruxa. Melhor fazer isso logo. Afinal, sou uma princesa. Tenho que proteger minhas amigas agora e, quando crescer, terei que proteger meu reino.” Pensando assim, Sol se encheu de coragem e saiu de seu esconderijo, indo para fora.

Quando se aproximou, ficou muito surpresa: a bruxinha estava chorando!!! Ao ver isso, Sol ficou com muita pena. Esqueceu todo o medo, chegou mais perto e perguntou:

- Por que está chorando, Bruxa Malvada?

Aos prantos, a menina bruxa respondeu:

- Eu não sou malvada não! Estou chorando porque eu não sei voar...

Essa resposta surpreendeu muito a princesinha. Para ela, bruxa e malvada eram duas palavras que não se separavam nunca! Mas ao ver aquela

bruxa caída e chorando, Sol percebeu que estava enganada. Nem todas as bruxas eram más. Assim, Sol ficou muito triste pela Bruxinha e chamou suas amiguinhas para lhe fazerem companhia.

Enquanto suas amiguinhas conversavam e brincavam com a Bruxinha, Sol ficou tentando imaginar como poderia ajuda-la. Depois de um curto tempo, Sol teve uma ideia genial. Correu para o seu quarto e pegou um livro que a ajudou muito quando ela estava tentando se adaptar com suas perninhas paralisadas. O nome do livro era “Aprendendo a se mover”.

Assim que pegou o livro, saiu correndo e o mostrou para a Bruxinha, falando:

- Olha, Dona Bruxa. Esse livro me ajudou a lidar com as minhas muletinhas. Tenho certeza de que, se a senhora estudar bastante, a senhora aprenderá rapidinho a voar com sua vassoura...

Apesar de querer muito, a Bruxinha ficou com dúvidas e disse:

- Mas será que eu consigo mesmo, princesinha?? Já tentei tantas vezes e nunca consegui...

- Ah... Mas dessa vez vai conseguir sim! – respondeu Sol confiante.

A Bruxinha ficou muito feliz com o otimismo de Sol e logo começou a treinar. A princesinha e a bruxa leem todo o livro juntas, e pouco a pouco, ela começa a voar.

Depois de conseguir ajudar a Bruxinha, Sol percebeu que poderia ajudar a quem quisesse, sem ter medo.